

# A educação tutorial – reflexão de docentes sobre suas práticas

Characterization of school laboratories of chemistry in public schools in Natal city

Thiago Loreto Garcia da Silva  
Bruna D'andréa de Andrades  
Helena Beatriz Kochenborger Scarparo  
Adolfo Pizzinato

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Educação Tutorial Psicologia | PUC-RS

## Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar os diferentes significados produzidos sobre Educação Tutorial a partir da experiência de docentes do Programa de Educação Tutorial (PET). Foram entrevistados todos os tutores da região metropolitana de Porto Alegre, elegendo uma análise qualitativa dos dados. Conhecendo a maneira com que cada um trabalha com seu grupo, seus pontos em comum e suas diferenças, se abre o debate sobre o que é ser tutor e, assim, se gera a possibilidade de agregar diferentes práticas de ensino no ambiente educacional, contribuindo para a melhoria das condições de ensino. As práticas de Educação Tutorial se consolidam a partir de uma necessidade brasileira de um ensino superior de qualidade. Segundo os participantes da pesquisa, se rompe com o modelo tradicional e cientificista, abrindo um espaço produtor de diálogos e articulação de diferentes saberes.

Palavras-chave: Educação tutorial. Programa PET. Práticas. Ensino.

## Abstract

This study aims to identify the different meanings about Tutorial Education from the tutors experience of the Tutorial Education Program (PET). We interviewed all tutors in the metropolitan region of Porto Alegre, choosing a qualitative data analysis. Knowing the way that each tutor works with your group, their commonalities and their differences opens the debate about what comes to be a tutor and thus will be possible to include different educational methods in the educational environment, contributing the improvement to the teaching conditions. These practices have consolidated Tutorial Education since a Brazilian need for an higher education quality. According to the participates in the study, it breaks the traditional model and scientific, opening a space for dialogue and join by articulation of different knowledge.

Keywords: Tutorial Education. PET Program. Practices. Teaching.



## Introdução

A educação superior brasileira vem sofrendo constantes modificações desde o século XIX. O objetivo formal dessas mudanças tem sido proporcionar melhor qualidade de ensino, visando à formação de profissionais cientes da sua responsabilidade social e, conseqüentemente, participantes ativos dos processos de aprendizagem. Essa perspectiva objetiva habilitar os estudantes a lidar com os desafios relativos às práticas sociais atinentes aos seus fazeres.

Condizente com essas perspectivas de ensino, em 1979, foi criado o Programa de Educação Tutorial (PET), primeiramente nomeado de Programa Especial de Treinamento, pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (NEVES, 2003). Em 1999, o Programa teve sua gestão transferida para a Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC), ficando sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas de Educação Superior (DEPEM). O objetivo principal desse projeto era inserir o aluno em uma dinâmica inovadora que buscasse uma atividade que pudesse intervir no processo de graduação, sob orientação tutorial. O Programa foi organizado de forma que os alunos, a partir de grupos de aprendizagem, tivessem a possibilidade de desenvolver atividades extracurriculares, supervisionadas por um professor-tutor. (NEVES, 2003).

Essas propostas têm sintonia com outras mudanças que ocorreram na década de 1970, quando houve uma expansão na educação brasileira com a proliferação de universidades. Tal acontecimento pode ser explicado pelo contexto econômico, político desenvolvimentista e industrializado das cidades, o que evidencia o êxodo da população do meio rural. Outro fator que pode justificar essa migração foi a ascensão de uma cultura, nos centros urbanos que valorizava o saber como produto e o conhecimento disponível para aquisição, justificando, dessa forma, o aumento da procura pela educação, especificamente pelas universidades do setor privado, visto que o Estado é deficitário em sua oferta de vagas no ensino superior público. (BASTOS, 2000).

Esse aumento das vagas possibilitou, evidentemente, que um maior número de pessoas se candidatasse ao ensino superior, ampliando, assim, as possibilidades de inserção e intervenção social da educação superior brasileira. Porém, tal propagação de unidades de ensino não garantiu a qualidade dessa educação. Além disso, o maior número de instituições pertencente à



iniciativa privada, restringia o acesso ao ensino superior (MACEDO; TREVISAN; TREVISAN; MACEDO, 2005) especialmente no que se refere às classes populares.

Tais circunstâncias, entre outras, favoreceram a ampliação das reflexões e debates acerca dos processos educacionais e pedagógicos no Brasil. Como exemplo, é importante citar os postulados de Paulo Freire (2006), que defendem que a educação não se limite à reprodução de conhecimento, em que o professor é concebido como um ser ativo, que gera no educando a capacidade de reflexão, e não um mero “doador”, que transmite o conhecimento de maneira passiva, em reprodução ao que já lhe foi ensinado. Ele deve, na sua relação com o estudante, propor uma prática que produza diálogos, construa significados e, assim, o liberte dos determinismos até então arraigados, na forma como nosso contexto organiza seus processos educacionais. O Programa de Educação Tutorial (PET) tem, em seus pressupostos, essas perspectivas e, portanto, objetiva contribuir com experiências que redundem em problematizações e propostas para a otimização dos processos de ensino-aprendizagem na educação superior. Caracteriza-se pela presença de um tutor responsável pelo planejamento das atividades, pela orientação e desempenho dos estudantes, sendo que ele cumpre um papel fundamental no estabelecimento de metas a serem atingidas e na sustentação de um relacionamento apropriado dentro do grupo de educandos para que todo o processo tutorial obtenha êxito em seus resultados e ao que ele se propõe. As atividades desenvolvidas nesses processos incluem trabalhos atinentes aos contextos de inserção dos envolvidos. Assim, bolsistas e docentes refletem, criticamente, acerca das circunstâncias que caracterizam seu entorno e empreendem esforços em ações que articulam os espaços institucionais, o cotidiano e a crítica social. Busca-se, assim, a produção de práticas sociais emancipatórias nos eixos de ensino pesquisa e extensão. (CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998).

Dada a importância dessa discussão, o presente artigo tem como objetivo identificar os diferentes significados produzidos sobre educação tutorial a partir da experiência de docentes vinculados ao Programa de Educação Tutorial (PET). Pretende, ainda, refletir acerca dos limites e possibilidades dessa proposta e se esta consegue atingir as metas a que se propõe. O interesse sobre o assunto surgiu de experiências de inserção no Programa nas quais reflexões acerca das práticas efetivadas foram imprescindíveis. Viu-se a necessidade não, apenas, de conhecer como é o funcionamento dos Programas de



Educação Tutorial, mas também de suas especificidades em geral e as reflexões que os tutores fazem sobre sua prática. Analisando a maneira com que cada tutor pensa e trabalha com seu grupo, seus pontos em comum e suas diferenças, ficará mais claro sobre o que é ser tutor e, assim, será possível agregar diferentes métodos de ensino para que se inicie uma discussão no ambiente educacional, buscando sempre a melhoria do ensino, que, conseqüentemente, gera melhores profissionais e amplia as possibilidades de melhoria da qualidade dos serviços profissionais prestados.

Atualmente, a Taxa de Escolarização Bruta da Educação Superior Brasileira continua apresentando dados desfavoráveis, quando comparada a de outros países em desenvolvimento. Nos dados apresentados pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) (PINTO, 2004), consta que o Brasil está entre os últimos na tabela de escolaridade entre os países escolhidos, apesar de, nos últimos quarenta anos, apresentar uma expansão no número de matrículas nos cursos de graduação. Esse crescimento significativo se deu por investimentos oficiais, como, por exemplo, a reforma universitária de 1968 que foi planejada pelo Governo Militar, e durante a década de 1970. No dia 21 de novembro de 1968, foi instituída uma lei que regulamentou o financiamento de programas de ensino profissional e tecnológico. Essa reforma visava implementar características pontuais para a educação superior, como, por exemplo, um ensino com ênfase no desenvolvimento de pesquisa. Assegurava, também, "autonomia às universidades", favorecendo uma maior independência nas questões didáticas, financeiras e administrativas, incluindo, nesse sentido, autonomia nas questões de desenvolvimento científico. A essa reforma é atribuído, também, o caráter de extensão, que visa à melhoria das condições de vida da comunidade, fazendo uma integração entre o desenvolvimento acadêmico para uma prática empírica do conhecimento. (FRAUCHES, 2004).

Nesse sentido, as universidades atuais guardam resquícios dessa reforma e o Programa de Educação Tutorial (PET) nasce a partir desse modelo de educação superior, ou seja, objetiva uma autonomia didática e administrativa buscando independência de desenvolvimento científico. Objetiva, também, como foco principal a prática integrada de extensão, ensino e pesquisas científicas, buscando inovação no meio acadêmico. O Programa também visa à "efetiva interação com a sociedade", para formação de um profissional situado social e historicamente em sua sociedade, para que os acadêmicos



estejam familiarizados com a cultura do país onde vivem. Procura-se intensificar essa interação entre sociedade e acadêmico através dos projetos de extensão, que possuem caráter de troca, já que sociedade e aluno saem beneficiados, uma vez que este experimenta sua prática profissional enquanto interage socialmente. (MARTINS, 2007).

Sendo assim, uma compreensão histórica leva a reflexões acerca dos contextos de construção das diferentes propostas educativas. Desta forma, este estudo pretende apontar reflexões que possam contribuir com a discussão acerca das práticas educativas em contexto.

## Programa de Educação Tutorial – PET

### A história

Quando o programa iniciou, sua meta era a de estimular a prática de atividades extracurriculares que favorecessem a formação acadêmica, bem como a inserção do aluno no mercado e em estudos de pós-graduação. (CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998). As mesmas autoras ainda ressaltam que o PET foi idealizado sob influência dos programas americanos *Honors Programs*, buscando desenvolver conhecimento intelectual e diferentes métodos de pensamento através da pesquisa.

Desde sua instituição até os dias atuais, o Programa vem passando por diversas mudanças. Até o ano de 1985, seu funcionamento foi caracterizado como um processo de experimentação, quando o PET estava sendo testado conforme os seus objetivos iniciais. Assim, de 1986 até 1989, pode-se dizer que era a fase da institucionalização do Programa. Já em 1990 até 1992, iniciou um processo de expansão do Programa, no qual diversos grupos PET foram criados, inclusive os quatro grupos PET originais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sendo eles nas faculdades de: Psicologia, Letras, Informática e Biologia. A partir de então, iniciou-se a fase de consolidação do que estava em vigor, que durou até o ano de 1994. Entretanto, o Programa passou por uma fase bastante conturbada, de desestruturação, durante os anos de 1995 a 1997. Nessa época, houve muitas ameaças de extinção do Programa, e muitos bolsistas foram às ruas lutar pela permanência. Foi a partir de então que o caráter político do Programa



se instituiu. Assim, em 1998, iniciou um movimento de articulação pela sobrevivência do PET, que persistiu até 2004. Desde 2005, vive-se uma etapa de regulamentação, momento em que estão sendo decididas as diretrizes do Programa, de forma que ele se consolide e possa voltar a se expandir. (MARTINS, 2007).

No ano de 1997, o PET já estava presente em 59 instituições, com 317 grupos e tutores, 3.556 bolsistas de graduação e 157 bolsas PET de pós-graduação. (NEVES, 2003). As últimas estatísticas feitas pelo Ministério da Educação, em 2008, constataram que o Programa conta com 400 grupos e tutores e 4.440 bolsistas. Segundo comparações anuais da mesma pesquisa estatística, pôde-se constatar que o número de grupos PET vem diminuindo e consequentemente o número de alunos bolsistas. (DIAS; CÁCERES; MARTINS; GOUVEIA, 2008).

O PET continua com sua interface política, porém muitas características mudaram desde sua implementação pelo governo. Ele não é mais um Programa Especial de Treinamento, que visa treinar os acadêmicos para a pós-graduação, mas sim formar cidadãos mais críticos quanto à sua postura e atitudes na atualidade.

## Objetivos do Programa PET

Atualmente, o Programa de Educação Tutorial tem como objetivo principal intervir na graduação, buscando uma dinâmica de inovação que possa contribuir para uma mudança na realidade acadêmica. Para que esses objetivos sejam alcançados, o Programa vincula-se à graduação, a partir da criação de um grupo PET por curso. O PET possui diferencial em relação às outras experiências de iniciação científica porque possui objetivos mais amplos, já que oferece um contato mais duradouro com as atividades de pesquisa desenvolvidas pelos professores, além de estabelecer pesquisas científicas, projetos de extensão e ensino. (BALBACHEVSKY, 1998).

O Programa de Educação Tutorial é formado por 4, 8 ou 12 alunos-bolsistas que trabalham desenvolvendo atividades baseadas no tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão. As atividades de ensino realizadas possibilitam a interação dos bolsistas do grupo com a equipe docente da faculdade onde está inserido, bem como com os alunos. No quesito pesquisa, o grupo tem a oportunidade



de aprofundar conhecimentos sobre a área de seu curso, procurando abordar temas interdisciplinares que complementem a formação, buscando suprir lacunas dos currículos acadêmicos e ainda estejam de acordo com os interesses do grupo. Quanto à atividade de extensão, promove-se uma integração de conhecimento acadêmico com o conhecimento da comunidade no qual será realizado o trabalho, exercitando, assim, a futura prática profissional. Esses trabalhos são escolhidos conforme o interesse dos bolsistas, sendo orientados pelo tutor do grupo. O Programa visa à qualificação do aluno para o mercado profissional, fazendo com que ele permaneça na academia. Possibilita, assim, a vivência dinâmica e global da universidade e visa à formação de um profissional que seja crítico, criativo e atuante na sociedade. (MARTINS, 2007).

## Processo tutorial

Uma vez que o Programa de Educação Tutorial visa a uma formação acadêmica ampla, interdisciplinaridade, atuação coletiva, interação contínua, planejamento e execução de atividades diversificadas, defini-lo como sendo um programa de iniciação científica é um equívoco, já que este objetiva somente o engajamento de alunos em projetos de pesquisa de professores das faculdades. (CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998).

Assim sendo, o PET se caracteriza pela presença de um tutor responsável pela orientação do grupo, que é composto por doze membros e que trabalha no desenvolvimento de trabalhos científicos, crescimento pessoal e intelectual do aluno, exercício de atividades planejadas e integração de docentes e discentes. O grupo tutorial estimula a aprendizagem ativa dos alunos através das vivências, reflexões e discussões de uma maneira informal e cooperativa, permitindo com que haja o desenvolvimento da habilidade de resolução de problemas e do pensamento crítico por parte deles. O tutor exerce importância fundamental no andamento do grupo, pois estabelece diretrizes, metas que devem ser cumpridas e a manutenção do relacionamento do grupo para que se obtenham resultados efetivos. (CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998).

O processo tutorial tem como compromisso principal o acompanhamento e orientação sistemática de grupos de alunos, realizado por pessoas experientes na área de formação. Essas etapas têm como meta transmitir ao aluno uma metodologia de ensino com sérios compromissos epistemológicos,



pedagógicos, éticos e sociais (MARTINS, 2007), com o objetivo de que o futuro profissional seja ativo perante sua realidade e saiba lidar melhor com as demandas do seu contexto. Essas ideias estão fortemente ligadas ao pensamento construtivista de Paulo Freire, no qual o conhecimento é inacabado, está em constante produção, nunca é definitivo e deve ser atualizado constantemente. Da mesma forma, ocorre a base do Programa PET, sendo a relação entre o tutor e o aluno responsável pela contínua troca e produção de saberes.

Pelas diferentes experiências, o aprendizado se fortalece, tanto o tutor quanto o aluno transferem conhecimento um para o outro, criando assim, como diz Paulo Freire (2006), uma relação onde se ensina aprendendo e se aprende ensinando. O mesmo ocorre nas atividades de extensão, que faz parte da tríade do Programa, na qual o aluno em contato com a comunidade se percebe um ser autônomo e consciente da sua posição de aprendiz, mas ao mesmo tempo capaz de intervir no mundo com seu conhecimento. Essa intervenção possibilita que o aluno não seja um mero reproduzidor de ideologias, mas que possa questioná-las e rompê-las, tornando-se, assim, capaz de analisar, comparar e escolher qual o melhor caminho para se fazer justiça sendo ético. (FREIRE, 2006).

## Método

A amostra foi composta por todos os tutores da região metropolitana de Porto Alegre, com exceção do tutor do grupo PET Psicologia/PUCRS (orientador da presente pesquisa), gerando um total de 13 tutores. Acredita-se que esse número de entrevistas permitiu uma variedade de áreas de conhecimento suficiente para explorar e analisar os diferentes significados produzidos pelos sujeitos. A escolha da região deveu-se ao fato de se acreditar que a especificidade do contexto podia produzir significados que, em outros contextos, seriam diferentes.

O contato com os sujeitos ocorreu através de uma lista de nomes e contatos de bolsistas fornecida pela web site do programa PET, e as entrevistas foram marcadas e realizadas em um local reservado a critério do próprio tutor.

Esta pesquisa teve seu projeto avaliado e aprovado pela comissão científica da Faculdade de Psicologia da PUC-RS e pelo comitê de ética da PUC-RS. Todos os participantes concordaram em integrar a pesquisa assinando





o termo de consentimento atinente a essa investigação. Todas as entrevistas foram realizadas no período do ano de 2009.

O roteiro das entrevistas consistia em doze perguntas abertas, em que tutores poderiam expressar, da melhor forma que quisessem, temas a respeito de sua história dentro do programa PET, sua visão acerca da proposta pedagógica da Educação Tutorial, quais vantagens e desvantagens acreditavam que a proposta suscitava, sua visão sobre o aluno bolsista e sobre o funcionamento de seu grupo em específico. O roteiro de entrevista foi inspirado no manual modelo de orientação de funcionamento do programa (MEC/SESU, 2010). Ainda que o manual trabalhe tais questões, esse manual fica aberto a interpretações. Justamente, nessas possibilidades de interpretação é que foram trabalhados os roteiros de entrevista. Por fim, cabe ressaltar que as entrevistas foram gravadas, transcritas de forma integral e, posteriormente, analisadas conforme a metodologia fenomenológica proposta.

Este estudo contém um caráter exploratório qualitativo, embasado pela análise compreensiva de base fenomenológica. (BERNARDES, 1991). Para o levantamento dos dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada como roteiro.

116

A escolha da análise compreensiva de base fenomenológica ocorreu em função da necessidade do grupo em compreender o fenômeno no que tange a seus significados, crenças, atitudes e valores. A base fenomenológica possibilita a elaboração de uma produção científica que estabelece uma “[...] relação sujeito-contexto-pesquisador, entre os saberes cotidianos de uma população com saberes acadêmicos.” (SCARPARO, 1996, p. 17). Faz-se necessário o uso da fenomenologia para se repetir e interpretar as experiências vividas pelos sujeitos em questão e para a investigação do fenômeno a fim de estabelecer um conceito para sua essência.

A estrutura objetiva da base fenomenológica é categorial e principalmente pré-reflexiva da própria vida cotidiana e analisada de forma imediata e espontânea, fazendo, em um segundo momento, uma investigação mais distante em relação à análise. Assim, esse método de estudo pretende entender o fenômeno como um todo, propondo um olhar mais significativo aos elementos a serem estudados, permitindo, assim, refletir as experiências dos tutores sobre as suas práticas. (LIMA, 2000).



Esse procedimento metodológico propõe que o material coletado, no caso, as entrevistas, seja transcrito, literalmente, e separado em unidades de sentido. Cada unidade refere-se a uma única sentença da fala do sujeito. Essas unidades são divididas em uma ou mais categorias, que se referem ao foco a ser estudado na pesquisa. Por fim, essas categorias são sintetizadas e dessa síntese emerge um grande tema com base nos sentidos atribuídos pelos sujeitos às questões investigadas.

## Resultados

Com base nas análises, emergiram quatro categorias principais: (1) *Conceito de Educação Tutorial*, ou seja, como os tutores concebiam a proposta pedagógica utilizada por eles; (2) *Relação Intergrupo*, que consiste em como os tutores relataram o relacionamento entre eles e os alunos bolsistas, bem como o relacionamento entre bolsistas no processo educacional; (3) *Tripé: Pesquisa-Ensino-Extensão*; que diz respeito a como os tutores relacionam e concebem pesquisa ensino e extensão; e (4) *Oportunidades Profissionais*, que significa a visão dos tutores a respeito das possibilidades produzidas com base na vivência do aluno bolsista no Programa.

117

## Conceito de Educação Tutorial

No que se refere ao *Conceito de Educação Tutorial*, como prática em si, os tutores sentem muita dificuldade em defini-la de forma simples. Houve uma constante recorrência à própria prática para se fazer uma definição do conceito. Para alguns tutores, sequer se tem claro um conceito do que seria a Educação Tutorial, porém trabalhar dentro dela é trabalhar dentro de uma ideia, uma proposta educacional. Muitos tutores, também, recorrem a diversos conceitos teóricos freirianos para definir a essência norteadora do processo tutorial como prática que produz espaços emancipatórios e a possibilidade de romper com o que é instituído.

O *Conceito de Educação tutorial* é polissêmico e isso se expressa nos diferentes sentidos que os tutores atribuem às suas experiências. Pode se afirmar, também, que esses sentidos se produzem nas práticas e relações cotidianas.



Mesmo que haja dificuldades em definir a Educação Tutorial, muitos tutores expressam, inclusive nessa dificuldade de conceituar em palavras, como sendo algo complexo, não por ser complicado, mas por ser um processo educacional que é construído junto, no fazer cotidiano e na relação com os alunos bolsistas. A lógica de compreensão, portanto, é coletiva, se rompe do papel aluno-professor e se institui uma lógica de dois estudantes de papéis similares produzindo noções de igualdade e cidadania.

Essa construção não diz respeito a somente melhorar o currículo, mas sim consiste em uma nova etapa de aprendizagem, a partir da bagagem que o bolsista e o tutor carregam como história de vida. Essa construção relatada comunica que o tutor não é uma mera figura que estimula o estudante a ser independente e autoconfiante; ele não é, apenas, alguém que assina embaixo e concorda com aquilo que está sendo proposto pelo aluno. Essa construção se aproxima muito ao ideal de Freire de uma educação libertadora, voltada para a realidade dos sujeitos implicados no processo de aprendizagem, bem como na dupla troca de todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Nesse sentido, cabe ressaltar a fala de um dos tutores que define que “[...] a tutoria não é só uma relação vertical é uma relação transversal que vai implicar todo mundo.” (TUTOR 3, 2009).

Esse “coletivo” mencionado pelo tutor leva o conceito de educação tutorial para a ideia de processo compartilhado, no qual todos os participantes se constituem no interjogo da rede de relações, estabelecida no cotidiano, ou seja, há um contínuo e recursivo movimento de transformação.

Dentre as concepções mais emergentes a respeito do que definiria a Educação Tutorial, parte-se de que é um processo docente que envolve orientação profissional e do aprendizado acadêmico de uma maneira mais próxima, e de diálogo constante, como também é proposto pelo modelo de comunidades práticas, que visa a uma estrutura de aprendizagem social e coletivista. (WENGER, 2000).

Na tutoria, portanto, se estabelece uma afinidade diferenciada, em comparação com o vínculo entre professor e estudante em sala de aula. A relação informal, próxima, e de dupla troca contemplada pela Educação Tutorial, permite que todos os lados se enriqueçam e vivenciem a aprendizagem coletivamente. Em uma sala de aula, com muitos acadêmicos, muitas vezes, esse tipo de relação é inviável.



Dessa forma, vale destacar que isso permite que o tutor esteja mais focado no estudante e não apenas no conteúdo em si, como acontece, por vezes, no ensino convencional. A tutoria permite acompanhar as particularidades de cada educando ou de cada grupo.

Nenhum dos tutores entrevistados tem dúvidas sobre a importância de seu papel no grupo, portanto o fato de existir uma relação igualitária não significa uma desconsideração das especificidades de cada sujeito envolvido, mesmo que esse papel de tutor, muitas vezes, seja concebido como tendo um caráter paternalista, ou impositivo.

Alguns tutores veem que o conhecimento se transmite pela maturidade, pela diferença de idade, pelo percurso que ele têm na universidade, na faculdade, e pela experiência. Os sujeitos afirmaram que o tutor deve trazer sua experiência, tentar, se necessário, convencer, mas não impor. Consideram que a diversidade de cada experiência e o diálogo dessas é fundante da qualidade do processo educativo tutorial. Isso se explicita na fala de um dos tutores que diz que “[...] o respeito pelo estudante, não é por que tu é mais velho que tu tem que ser respeitado pelo jovem, é o ser humano tem que respeitar o outro.” (TUTOR 7, 2009).

Fica sob a responsabilidade do tutor ser um provocador e facilitador, cabendo a este, nas palavras de um dos entrevistados “[...] levar o mundo real para o grupo e o grupo para um mundo real.” (TUTOR 1, 2009). Dessa forma, o tutor deveria trabalhar com o estudante ideias com responsabilidade, compromisso, autonomia, de forma a estar sempre cooperando e colaborando com o grupo, bem como despertar nos bolsistas potencialidades que eles sozinhos não teriam condições de emergir. É importante destacar que, mesmo tendo o tutor esse papel, muitos dos entrevistados relatam que essa função também ocorre entre os integrantes de cada grupo, ou seja, os acadêmicos também se tutoriam. “A função é de que o tutor e o grupo consigam estimular atividades e potencializar o que dentro deles estariam adormecidas [...]”. (TUTOR 9, 2009), como relata um dos entrevistados.

Dentre as ideias trabalhadas no processo tutorial, a de autonomia se destaca no discurso dos tutores, sendo sempre relacionada à responsabilidade e singularidade. Uma pessoa que tem iniciativa se responsabiliza pelos seus processos, mas entende que não funciona independentemente dos demais.



“Assim, o educando precisa sair da posição de passividade que lhe foi ensinado [...]”, assim como relata um tutor. (TUTOR 5, 2009).

Por fim, o processo de tutoria também pôde ser definido pelos entrevistados como um processo de gestão de grupos. Uma das dificuldades desse processo é manter um equilíbrio entre as atividades exercidas, de forma a não ser muito rígido para que não se tire o poder de decisão dos estudantes, e também não se deve ser totalmente flexível, ou o processo perde seu sentido. Assim como diz um dos entrevistados: “[...] se o cara não cuidar se perde, tem a sensação que ta fazendo tudo e não tá fazendo nada.” (TUTOR 5, 2009).

Essa proposta de tensionamento dos papéis convencionais produz um tipo diferente de relações ente os envolvidos na proposta tutorial, o que remete ao segundo tema emergente da fala dos entrevistados.

## Relações intergrupo

As ideias conceituais desenvolvidas pelos tutores, acerca de transversalidade, igualdade e não paternalismo implicam uma proposta de relação em sua prática. Muitos tutores afirmam que o vínculo entre tutor e bolsista é diferente do vínculo entre professor e estudante. A relação é mais informal, de maneira que não se segue uma hierarquia rígida. Nas palavras de um tutor: “A relação tutor bolsista é muito legal por ter que ser completamente horizontal. Existe toda uma experiência, uma bagagem do tutor, mas não é por isso que ele poderá querer que suas opiniões prevaleçam sobre o grupo.” (TUTOR 7, 2009).

Os grupos desenvolvem diferentes tipos de relações, de forma que mantêm as suas especificidades. Alguns grupos trabalham com o modelo de gestão e autogestão; já outros preferem estabelecer entre os bolsistas coordenadorias e subcoordenadorias, para evitar a centralização de atividades. Um dos grupos acredita que um método eficaz de trabalho é trazer todos os problemas para serem trabalhados em conjunto. Para isso, são utilizados diferentes estratégias, como de consenso geral e votações para as tomadas de decisões.

Embora o funcionamento possa variar de grupo para grupo, um fator foi quase unânime entre os tutores, no que diz respeito à tutoria entre bolsistas. Eles exercem suas funções independente da presença e da ordem do tutor, demonstrando autonomia e iniciativa.



Quanto à relação entre os bolsistas, uma tutora explica que o principal problema do seu grupo são as pequenas desavenças que podem ser criadas. É o que ela afirma ser a sua maior dificuldade no PET: “Administrar como os egos e as histórias pessoais vão se encaixando. E como manter o rendimento e as pessoas unidas.” (TUTOR 11, 2009). Outro tutor contra-argumenta dizendo que os bolsistas têm a capacidade de conversar e argumentar para negociar suas próprias atividades. Alguns grupos também comentam uma determinada hierarquia entre os integrantes mais novos e os mais velhos, mas que isso se altera frequentemente. As posições de cada um dentro do grupo não são sempre rígidas, como em uma hierarquia tradicional.

É interessante observar que os tutores se dividem em dois polos de coordenação do grupo: metade acredita que os acadêmicos e as atividades devem ser monitorados de perto, embora com liberdade; a outra metade acredita que a liberdade deve ser exercida de modo tal que os bolsistas não necessitem de cobrança do tutor. As intervenções dos tutores, em geral, são feitas quando eles “sentem a necessidade”, embora não elucidem como. Uma tutora relata: “[...] dou uma base para as bolsistas do que se pode fazer e do que não se pode fazer, chamando a atenção para algumas coisas, porém dando autonomia no nível acadêmico para o que elas desejam.” (TUTOR 8, 2009). Outro tutor complementa essa afirmação, explicando que: “[...] não se pode ser muito solto, pois perde o sentido. Os estudantes acabam tendo a sensação de que estão fazendo tudo e não estão fazendo nada. Porém não pode ser muito rígido senão se fica muito parado.” (TUTOR 2, 2009). Em um outro grupo ainda, a tutora orienta os bolsistas para que realizem o seu trabalho de forma autônoma, e esses se remetem a ela apenas quando há uma necessidade mais especial.

As relações dos tutores com os bolsistas são, igualmente, diferenciadas, no sentido de que a comunicação informal gera um tratamento específico, e os bolsistas acabam sendo vistos de maneira diferente dos demais acadêmicos. Um tutor diz que um estudante que não está inserido em alguma atividade acadêmica, como a iniciação científica ou monitorias, possui uma relação mais verticalizada com os professores, pois são menos vistos por eles. Um dos entrevistados ainda afirma que “A relação horizontal que há nos grupos de Iniciação Científica, PET ou com os monitores e professores, por proporcionar mais contato de ambas as partes, se torna mais diversificada, e as pessoas se conhecem mais por inteiro.” (TUTOR 9, 2009). Ainda, uma tutora ressalta a



diferença entre o PET e a Iniciação Científica, no que diz respeito às suas dinâmicas. No Programa de Educação Tutorial, os educandos precisam trabalhar em grupo, o que alguns tutores afirmam ser bem difícil de conseguir lidar, senão a parte mais complicada do Programa.

A maioria dos tutores ressaltam que, também, eles próprios aprendem muito com o PET e com os bolsistas, nas relações estabelecidas com a Educação Tutorial. Um tutor diz haver maior convívio e confraternização nesse tipo de relação. Tanto o tutor quanto o bolsista se colocam em uma horizontalidade, ambos se sentem no direito de cobrar uns dos outros. É por isso que um tutor se sente um facilitador entre seus bolsistas.

Essa proposta de trabalho, e suas diferentes formas de relações estabelecidas abrem espaço para um aprendizado que dará, inclusive, suporte ao futuro profissional e acadêmico dos bolsistas envolvidos, o que também consistiu em um tópico destacado pelos tutores.

## Oportunidades profissionais

122

O Programa de Educação Tutorial proporciona um espaço de oportunidades rico e diversificado, com maior liberdade e estabilidade do que em sala de aula, como cita um tutor. Sua proposta resume, justamente, na ideia de sair do ambiente que circunda o seu currículo acadêmico e buscar complementos fora da Universidade. Segundo uma tutora, o PET oferece uma interação com a comunidade, de forma social. Assim ele, poderá não, apenas, adquirir conhecimento para si, mas também para ajudar a melhorar seu próprio curso.

Um dos entrevistados diz que, na Educação Tutorial, se estabelecem vínculos diferentes dos da sala de aula, abrindo possibilidades de caminhos de dupla-troca. Assim como diz um tutor: "No Grupo PET, os bolsistas possuem muito mais liberdade do que teriam em um grupo de pesquisa." (TUTOR 11, 2009). Alguns tutores acreditam que o bolsista se sente mais responsável pelo seu curso, tendo contato com a diversidade da Universidade, maior disposição para trabalhar e com uma maior iniciativa e agilidade do que a Iniciação Científica.

O trabalho do PET deve contemplar o aprendizado, o trabalho e o estudo em grupo, através das atividades de pesquisa, ensino e extensão. É o que um tutor considera como a "formação ampla do PET". Também comparando com iniciação científica, um tutor ainda acredita que o Programa PET se



diferencia pela possibilidade de o estudante ter uma visão mais ampla e diversificada de seu curso, podendo buscar se aprofundar no que lhe for de maior interesse, quando, por outro lado, a Iniciação Científica possuiu um caráter de pré-especialização, onde o acadêmico se focará, apenas, no que for específico do grupo em que ele estiver inserido.

Alguns tutores comentam sobre a diversidade de formas de pensamento nos bolsistas de um único grupo PET e da possibilidade de eles trabalharem de forma interdisciplinar com outros grupos. Assim, o Programa traz a oportunidade de trabalhar com diferentes pessoas, ideais e grupos, ainda que no mesmo trabalho e com objetivos comuns, multidisciplinares.

Outro tutor afirma que um grande diferencial da Educação Tutorial está na orientação que o tutor dá para além da aprendizagem acadêmica convencional, fornecendo os subsídios para as oportunidades que residem no PET. As propostas do Programa abrangem a tríade que compõe a universidade, contemplando a pesquisa, o ensino e a extensão, e o bolsista deve participar de cada uma ao longo de sua jornada acadêmica no PET.

### **Tripé: pesquisa, ensino e extensão**

123

Dentro da proposta que o Programa traz de fornecer um diferencial através do tripé que embasa a universidade: a pesquisa, ou seja, o desenvolvimento científico e acadêmico, ensino; a transmissão e difusão do conhecimento acadêmico para dentro na universidade, e a extensão; a aplicação do conhecimento de forma a beneficiar a comunidade. Os tutores relatam experiências muito próximas com o que é proposto teoricamente. Muitos ainda apontam para a extensão como um espaço de interface com a sociedade deficitária no meio universitário.

Essa perspectiva global do conhecimento tem desenvolvido habilidades nos bolsistas que transcendem o aprendizado formal, como o trabalho e estudo em grupo, a autonomia na busca pelo conhecimento, a capacidade de articular ideias, bem como uma reflexão sobre as ações que são exercidas por eles próprios e, sobretudo, a reflexão sobre o modo de estudar. A fala dos tutores se aproxima muito do conceito proposto por Freire (1987), de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.





No que diz respeito às atividades de extensão, os tutores ainda relatam que o estudante desenvolve uma perspectiva mais coletivista do conhecimento, ou seja, o aprendizado através da interface direta com a sociedade. Isso ainda permite que o bolsista entre em convívio com as práticas que irá exercer na sua profissão. Por outro lado, algumas áreas mais exatas, onde seu campo de trabalho possui pouca possibilidade de interação social, relata dificuldades em exercer atividades de extensão propriamente dita. Como afirma um tutor: "O que se preconiza como ensino superior de qualidade, é a indissociabilidade de ensino pesquisa e extensão, mas nem sempre a gente consegue balancear essas três atividades, ora mais a uma ora mais a outra." (TUTOR 2, 2009).

Essa dificuldade também representa algo que foi comum no discurso dos tutores, que diz respeito à dificuldade de integrar ou separar em algumas atividades claramente o que é pesquisa o que é ensino e o que é extensão. Por exemplo, em áreas voltadas à docência, atividades como seminários e palestras podem ser vistas tanto como extensão quanto como ensino. Porém o Programa avalia os grupos através da integralidade nessas três áreas, e alguns tutores relatam que, quando o bolsista desenvolve uma atividade mais direcionada para o meio acadêmico, dificilmente ele conseguirá justificá-la como extensão.

124

## Discussão

Tendo como base os resultados encontrados, pode-se observar que o conceito de Educação Tutorial está diretamente associado à sua prática, pois, no relato dos entrevistados, a formulação dessa concepção é invariavelmente ancorada nas experiências. Com base nas vivências cotidianas, se produzem os processos, pensamentos e saberes, ou seja, a significação da prática.

Freire (1987) postula uma educação que seja libertadora, que possibilite uma contínua produção de saberes e não uma mera reprodução de ideias. Para o autor ainda, o sujeito deve dar-se conta de que ele tem recursos para buscar a educação por si mesmo, ainda que ninguém se eduque sozinho, e sim em comunhão, mediado pelo mundo.

Pelo fato de se desenvolver no cotidiano, esse processo se modifica constantemente com as vivências individuais e coletivas. Assim, a formulação desse conceito é um constante desafio para os envolvidos nessa experiência, pois está vinculada a uma política educacional, que se apoia na experiência



e na criação de estratégias. Esse conceito também só é possível através das relações entre os envolvidos, dos processos grupais, e do contexto em que eles estão inseridos.

Pode-se pensar a Educação Tutorial, então, como uma experiência complexa, pois possibilita encarar os problemas que são multidimensionais de forma local e global, ao contrário do método fragmentado de propostas de ensino convencionais. Neste sentido, Morin (2007) ainda argumenta que quanto mais se fragmenta o conhecimento, menos se consegue compreendê-lo ou alcançá-lo em sua totalidade.

Quanto a isso, cabe destacar que alguns tutores sentem dificuldade de separar e categorizar suas práticas em pesquisa, ensino ou extensão. Essa exigência do Programa PET em categorizar as atividades como práticas diferentes que devem ser integradas parece contraditória quando se percebem os saberes numa perspectiva complexa. Os saberes, na perspectiva de Morin (2007), não são dissociados, e sim estão sempre em função de uma religação do sujeito com a realidade na qual ele vive.

A experiência também produz um conceito polissêmico, construído nas articulações do sujeito com os outros protagonistas em contexto. Isso dá à prática uma dimensão de compreensão integral, entendida coletivamente e sempre legitimada pelo diálogo. Essa política tem, como consequência, relações de maior teor democrático. Nesse sentido, pode-se apontar, como exemplo a quebra da hierarquia que é, oficialmente, proposta pelo Programa (MARTINS, 2007), igualmente, presente no discurso dos tutores, participantes dessa pesquisa.

Essa política do PET se expressa, igualmente, na fala dos tutores quando relatam as diferentes formas de gerenciar os grupos. As dinâmicas entre professores e acadêmicos e seus respectivos papéis se modificam num processo contínuo, o que é favorecido pela proximidade das relações. Isso gera microrrupturas cotidianas, ou seja, constantes re-significações de papéis que se desenvolvem os movimentos para além do trabalho no Programa, passando o cotidiano e as experiências ao longo das histórias de vida.

As microrrupturas, em nível individual, proporcionam experiências diferentes, e, conseqüentemente, produzem diferentes emancipações. Souza Santos (2003) postula que, na medida em que vivemos, um multiculturalismo expresso em uma sociedade pós-moderna, deve se reconhecer a coexistência



de diferentes histórias de vida. Portanto, à medida que as experiências são diferentes, elas também se diferem em suas propostas de emancipação. Viver e produzir esses processos ainda são possibilitados através da experiência na Educação Tutorial de uma maneira diferenciada da concepção convencional.

O Programa também propõe relações igualitárias e horizontais haja vista superar as condições de independência, ou seja, produzir a emancipação dos envolvidos, desenvolvendo ainda a autonomia e fazendo destes, sujeitos produtores da sua própria história e seu próprio saber.

O educador deve respeitar a autonomia, a dignidade e as identidades dos educandos e, na prática, permitir que eles assumam o rumo da sua própria aprendizagem, possibilitando um saber autêntico e contextualizado com a realidade na qual estão inseridos. (FREIRE, 2006).

Nesse sentido, com base nas reflexões produzidas pelos tutores, pode-se inferir que, embora não esteja dito formalmente, existe uma grande influência das perspectivas freireanas em suas concepções de ensino e aprendizagem. Uma vez que os conteúdos explicitados nas entrevistas estão bem próximos do que Gonçalves e Campos (2008) referem a respeito da pedagogia da educação tutorial como uma ação criadora, os entrevistados relatam a prática dessa perspectiva educacional através de suas vivências cotidianas.

126

## Considerações finais

Com base no que foi verbalizado pelos entrevistados, algumas questões foram levantadas. Convém questionar, por exemplo, se o tutor, realmente, assume a função de facilitador do processo ou como se concretizam os fundamentos das relações em cada grupo em específico, e ainda se os papéis são rígidos ou se é realmente exercitada uma postura democrática nas relações.

Esta pesquisa tece, portanto, uma proposta de provocação, visando contribuir com as reflexões e discussões acerca do tema. Primeiramente, porque o tema é polissêmico e pautado pela diversidade. Em segundo, porque este depende das articulações que ocorrem em contexto, modificando-se no tempo, espaço e segundo as políticas da educação, e, por fim, devido ao fato de ele estar sempre pautado pelos diferentes projetos sociais de cada sujeito envolvido.

Considerando que, apenas, os tutores foram entrevistados, fica a proposta para que novas pesquisas sejam desenvolvidas de forma a focalizar



também nos significados produzidos pelos bolsistas, permitindo uma comparação com a fala de tutores.

Outra questão que não foi possível aprofundar ou ampliar, pois não foi verbalizado pelos entrevistados é o impacto da experiência da educação tutorial na graduação. Considerando que uma das propostas do Programa PET é gerar uma melhoria nos cursos de graduação nos quais estes estão inseridos, seria interessante verificar, com atenção, de que modo o Programa influencia em seu Curso e se ele alcança essa proposta.

Com esta pesquisa, é possível propor, assim como já se tem postulado no manual de orientações básicas do Programa PET (MEC/SESU, 2002), que a prática pedagógica de Educação Tutorial seja vista como uma formação para a cidadania e, sobretudo, como possibilidade de formação permanente na prática docente na medida em que problematiza no cotidiano as práticas educacionais.

## Referências

BALBACHEVSKY, Elizabeth. Estudos e dados: o Programa Especial de Treinamento – PET/ CAPES – e a graduação no ensino superior brasileiro. In: CAPES. **Boletim Informativo**, Brasília, 1998. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/bolsas/Info2\\_98.docites/capes/download/bolsas/Info2\\_98.doc](http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/bolsas/Info2_98.docites/capes/download/bolsas/Info2_98.doc)>. Acesso em: 20 out. 2006.

BASTOS, Maria Clara de Jonas. **A opção pelo curso de psicologia**: motivações, expectativas e apoio familiar. 2000. 134 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Psicologia Social e da Personalidade) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Análise compreensiva da base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos. **Educação**, Porto Alegre, v. 14, n. 20, p. 15-40, set./dez. 1991.

CASSIANI, Silvia Helena Bortoli; RICCI Waleska Zafred; SOUZA Carla Regina de. A experiência do Programa Especial de Treinamento na educação de estudantes de graduação em enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, jan. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n1/13922.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2006.



DIAS, Ana Maria; CÁCERES, Edson Norberto; MARTINS, Iguatemy Maria Lucena; GOUVEIA, Sandro Tomaz. **Estudo sobre os egressos do Programa de Educação Tutorial/PET 1979-2008**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2009.

FRAUCHES, Celso da Costa. A livre iniciativa e reforma universitária brasileira. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 4., 2004, Florianópolis. **Anais...** Disponível em: <<http://www.inpeau.ufsc.br/ivcoloquio/anais/completos/CELSO%20DA%20COSTA%20FRAUCHES-%20A%20livre%20iniciativa...doc>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GONÇALVES, Marcelo Luiz Carvalho; CAMPOS, Casemiro de Mereiros. A Pedagogia da educação tutorial no ensino presencial. In: MEC/SESU. **PET Programa de Educação Tutorial**: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

LIMA, Nara Schimdt. Fenomenologia e método fenomenológico. In: SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger (Org.). **Psicologia e pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

128 MACEDO, Arthur Roquete de Macedo; TREVISAN, Ligia Maria Vettorato; TREVISAN, Péricles; MACEDO, Caio Sperandeo. Educação Superior no século XXI e a reforma Universitária Brasileira. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 47, p. 127-148, abr./jun. 2005.

MARTINS, Iguatemy Maria Lucena. Educação tutorial no Ensino Presencial: uma análise sobre o PET. In: MEC/SESU. **PET Programa de Educação Tutorial**: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

MEC/SESU. Manual de Orientações Básicas PET. In: **Portal MEC**, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETmanual.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2010.

MORIN, Edgar. Introdução. In: Jornadas temáticas. 1998. Paris. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NEVES, Maria da Graça Moraes Braga Martins. **O processo PET**: correspondência de uma guerra particular. Maringá: Editora Massoni/ LCV Edições, 2003.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 727-756, out. 2004. Especial. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 29 jun. 2010.



SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenboerger. *Cidadãs brasileiras: o cotidiano de mulheres trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

TUTOR 1. **Entrevista**. Porto Alegre, 29 jan. 2009.

TUTOR 2. **Entrevista**. Porto Alegre, 13 mar. 2009.

TUTOR 3. **Entrevista**. Porto Alegre, 22 abr. 2009.

TUTOR 5. **Entrevista**. Porto Alegre, 05 maio. 2009.

TUTOR 7. **Entrevista**. Porto Alegre, 22 maio. 2009.

TUTOR 8. **Entrevista**. Porto Alegre, 10 jun. 2009.

TUTOR 9. **Entrevista**. Porto Alegre, 19 jun. 2009.

TUTOR 11. **Entrevista**. Porto Alegre, 15 ago. 2009.

Graduando Thiago Loreto Garcia da Silva  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Porto Alegre  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Educação Tutorial | PET  
E-mail | thiagoloreto@hotmail.com

Graduanda Bruna D'andréa de Andrades  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Porto Alegre  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Educação Tutorial (PET)  
E-mail | petpsico@pucrs.br

Profa. Dra. Helena Beatriz Kochenboerger Scarparo  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Porto Alegre  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Educação Tutorial (PET)



Grupo de Pesquisa Psicologia e Políticas Sórias –  
memória, história e produção do presente  
Programa de Pós Graduação em Psicologia | PUC-RS  
E-mail | [scarpato@puccrs.br](mailto:scarpato@puccrs.br)

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Porto Alegre  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia  
Programa de Educação Tutorial (PET).  
Tutor Grupo PET Psicologia | PUC-RS  
Grupo de Pesquisa Identidades narrativas e comunidades de prática  
E-mail | [petpsico@puccrs.br](mailto:petpsico@puccrs.br)

Recebido 13 set. 2010  
Aceito 02 dez. 2010